



O BERÇO da CRIANÇA

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanário nacionalista

Propriedade da Empresa
Editor — ANTONIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.
Impressão: Tip. Minerva — Vila Nova de Famalicão

RESSURREIÇÃO

Depois de o pregarem ao madeiro bárbaro, de o blasfemarem e escarnecerem, deram-lhe a beber fel e vinagre. Cristo agonizava na Cruz. Então, desde a sexta hora até à hora nona se difundiram trevas por toda a Terra. A abóbada do templo se rasgou de alto a baixo; a terra tremeu e as pedras se partiram, abrindo enormes fendas. Chegando a tarde enterraram Jesus.

O Sinédrio, com medo que a profecia da ressurreição se cumprisse, manda selar-lhe o túmulo e guardá-lo por soldados.

E havendo passado o Sábado, muito cedo ainda, os soldados vendo que o túmulo estava aberto e vazio, fugiram do sepulcro, espavoridos, nada dizendo a ninguém.

Chegando Maria de Magdala e outras mulheres ao sepulcro, onde iam depositar aromas, o encontraram vazio.

Então um anjo lhes disse: «não está aqui; ressuscitou!»

E as mulheres partiram a dar a boa-nova, a ressurreição de Cristo.

E de novo se alegrou a Terra! Por toda a parte se ouviam cânticos de, Aleluia! Aleluia!

E a história repetiu-se.

De novo Cristo é condenado e crucificado, de novo lhe escarraram nas faces e o injuriam; de novo os fariseus de nossos dias — a nova barbárie — o renegou!

Cristo foi ausente de tudo: dos homens, da Família, dos costumes. A sociedade esqueceu-o.

A Civilização Europeia negou-se a si mesma, renegando a sua essência, razão de ser da sua civilização — a latinidade, a cristandade!

E as trevas repetiram-se; e logo se abriram muitas crises, fundas brechas que rasgaram, de alto a baixo, o seu corpo social; à ordem sucede o caos, a desordem; as trevas sucedem à luz.

Os três dias de trevas foram longos, muito longos — duraram um século!

*
* *
*

Manhãzinha cedo, muito cedo — luz, muita luz...

Da pequenina e velha torre da velha capelinha românica da aldeia, os sinos — cortando o silêncio de que a natureza se cobrira em dias de tristeza e de dor — badalam alegremente como que cantando hossanas a Deus...

Assustadas pelo badalar, as pombinhas brancas, de há muito recolhidas, quais eremitas da saudade, no silêncio e no sono da velha torre, da velha capelinha românica da aldeia, meio demolida — onde a hera fizera ninho, ninho das pombas também — esvoaçam cruzando o azul brilhante do Céu, garrulando docemente como que cantando hinos de amor aos homens, por amor de Deus...

A natureza alegrava-se num crescendo rítmico; os ribeirinhos cantavam mais alto, serpeando os relvados cobertos de pascoínhas e de violetas; os passarinhos chilreiam mais e mais... tudo, tudo parece cantar.

(Continua na 8.ª página)

A' MARGEM

Madariaga e a política espanhola

A Espanha possui no seu seio, latejante e dinamizador, o fermento da salvação.

Foram os intelectuais, como Unamuno e Ortega e Gasset, que prepararam o advento da República; são estas mesmas figuras de estirpe, que hoje desiludidas, actuam pelo espírito e pela inteligência, no sentido da libertação da Espanha das forças da anarquia e da desordem.

O último livro de Salvador Madariaga, «um dos mais notáveis pensadores não só de Espanha como do nosso tempo», confirma plenamente as nossas expressões.

Madariaga opõe às clássicas ideias da Revolução francesa, de liberdade e igualdade, a da hierarquia e da autoridade, da chefia e da subordinação.

Estas palavras transcritas do *Diário de Lisboa*, traduzem o novo rumo que os intelectuais espanhóis querem imprimir à vida pública.

Madariaga, estribado no seu prestígio político, lança ao povo espanhol um apelo vibrante, apontando-lhe o Estado Corporativo como única solução da actual crise da nação vizinha.

«Não é ele o único dos que vêem a solução do problema político espanhol numa terceira República Corporativa», afirma o articulista do *Diário de Lisboa*.

Tem pois fundamento esta interrogação: a Espanha a caminho do Estado Corporativo?



O Mito da luta de classes

Para o socialismo há classes que se degladiam e se entrecrocaram até ao triunfo de uma delas.

Quando se pondera esta noção de classe social, reconhece-se que é uma invenção de pseudo-intelectuais.

Há famílias, há profissões, há pátrias: tudo isto é real.

A classe é um mito.

A «consciência da classe» de que fala o marxismo é uma criação artificial.

Em termos mais claros e menos pretenciosos, esta «consciência marxista» é apenas uma explosão de velhos e românticos sentimentos libertários.

D A C I D A D E

O problema das águas

A Câmara Municipal de Guimarães solicitou em 1934 à Direcção Geral da Saúde um técnico para estudar a solução mais conveniente para aumentar o abastecimento de água. Da visita que nessa ocasião fez, o vogal Dr. Manuel de Vasconcelos apresentou à Junta Sanitária de Águas a seguinte informação: «Guimarães vem-se debatendo há anos a esta parte com a crise de falta de água.

Chega o verão, corta-se a água, raciona-se a água. É um problema latente que, de dia para dia, se agrava com o crescer da população, com o desenvolvimento da indústria.

É o centro da indústria algodoeira mais importante do País e, graças à feliz política colonial do Governo, está hoje com vida desafogada e em maré de prosperidade.

A mão de obra, que acode das povoações rurais, tende a fixar-se na cidade e já o teria feito se tivesse onde acoitar-se. A construção de bairros populares deve vir ao encontro desta tendência.

Por todas estas razões a população de Guimarães tende a aumentar e mais rapidamente do que se julga.

Entretanto a água escasseia, não há saneamento; as casas não tem latrinas nem quartos de banho; quem se levantar cedo não pode lavar a cara, porque a água está fechada.

A água que hoje se bebe em Guimarães vem da Penha, outrora chamada serra do Penedo. Dali tem vindo há anos sem conta para a comunidade e para particulares.

Como a Penha é rica de águas e está ali ao pé e as águas dão ponto demasiado para a cidade, para ali se têm voltado os olhos ansiosos e sequiosos da cidade.

Por ali andou o insigne geólogo Paul Ohoffat, que, na conferência que fez na Associação Central de Agricultura, afirmou o seguinte:

«Concebe-se que, nestas condições, as fontes devem ser numerosas nas regiões graníticas; sendo numerosas, são forçosamente dum fraco rendimento.

Assim as habitações dos Agricultores destas regiões são, em geral, muito espaçadas umas das outras, e quando razões políticas motivarem a aglomeração dos habitantes, as cidades tem a lutar com grandes dificuldades para se encontrar água em quantidade suficiente.

Como exemplo exponho a carta da serra da Penha em Gui-

VIDA CATOLICA

DOMINGO DE PASCOA JESUS RESSUSCITADO

Evangelho:

Tendo passado o dia de sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e Salomé compraram aromas para irem embalsamar Jesus. E no primeiro dia da semana, de manhã cedo, chegaram ao sepulcro, quando já o sol era nascido. E diziam entre si: Quem nos há-de revolver a pedra do sepulcro? Mas olhando viram revolvida a pedra, que era muito grande. E entrando no sepulcro, viram um jovem sentado do lado direito, coberto com um vestido branco, e ficaram assustados. Ele disse-lhes: Não temais; buscais a Jesus Nazareno, crucificado? Ressuscitou, não está aqui; eis o lugar onde o depositaram. Mas ide, dizei a seus discípulos e a Pedro que êle vai adiante de vós para a Galileia; lá o vereis, como êle vos disse.

S. MARCOS, XVI, 1-7.

Considerações:

Aos cânticos da dor, que a Igreja Católica fazia entoar com mais intensidade nos últimos dias da santa Quaresma, sucedem-se os hinos de glória do santo dia de Páscoa.

O manto roxo da tristeza é substituído pelos damascos da alegria, ao som dos Aleluias festivos, saídos dos corações de todos os crentes, para solenizar a ressurreição de Jesus Cristo — o vencedor da morte, porque era o autor da vida.

Na verdade, não é de estranhar que esta mudança na liturgia da Igreja, esta substituição dos ornamentos e vestes sagradas, esta alegria dos corações humanos. A ressurreição de Jesus Cristo é o fundamento da nossa fé. Só o Homem Deus é que pode depor a vida e retomá-la à sua vontade. Na ressurreição de Jesus assenta toda a Religião cristã, porque, como diz S. Paulo, se Jesus não tivesse ressuscitado seria vã a nossa fé. Mas não só isso. A ressurreição de Jesus Cristo é também o fundamento da nossa esperança, porque é o penhor da nossa ressurreição futura. Somos membros do corpo místico de Jesus Cristo; por isso, se o nosso Chefe ressuscitou, também nós um dia devemos ressuscitar. É a ressurreição das almas mortas pelo pecado, operada pelo sacramento da penitência; é ainda a ressurreição do corpo, que no fim dos tempos se há-de juntar novamente à alma, para não mais acabar. No entanto, não esqueçamos, para tomar parte na ressurreição futura, é preciso desde já, é absolutamente necessário morrer desde já para o pecado, viver para Jesus Cristo, porque, é S. Paulo quem vo-lo ensina, se ressuscitamos com Cristo temos de procurar as cousas que são lá de cima, onde Cristo está à direita de Deus Padre. Que a Páscoa do Senhor traga ao mundo a Sua paz, dê aos homens a felicidade do Céu. Exultemos! Aleluia!

marais. Vêm-se neste local cerca de 40 fontes.

Medi as da vertente setentrional; a mais abundante não dá senão 104 metros cúbicos por 24 horas, na estiagem. É pouco para a alimentação de uma cidade, mas é enorme em rendimento por hectare. Calculando a área provável do reservatório de cada uma destas nascentes, calcula-se que fornecem no verão até 6 metros cúbicos por hectare e por 24 horas.

De então para cá as condições não melhoraram; pelo contrário, pioraram.

Abriram-se mais minas, tem-se sangrado a montanha em vários lados, aumentando o caudal de inverno e baixando-o de verão, isto é, fazem-se drenos permanentes.

Em toda a vertente se têm plantado milhares e milhares de eucaliptos, que rapidamente se desenvolvem e que são verdadeiras drenos aéreas.

Ultimamente o atrevimento vai até ao ponto de os plantarem sobre as próprias minas da Câmara, às centenas.

¿Aonde iremos parar por êste caminho?

Creio que há uma lei que proíbe que se plantem eucaliptos junto de terrenos de cultura e sobre nascentes de água. Se a há, ponha-se em execução, mandando arrancar os eucaliptos plantados desde essa data.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Acção católica

Promovida pela Pia Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus, realizou-se domingo pretérito, pelas 21 horas da noite, a anunciada conferência do Sr. P.^o Dr. Leonardo de Castro, sobre êste tema oportuno: «Acção Católica».

O salão encontrava-se repleto de uma vasta e variada assistência, exclusivamente masculina.

Professores, médicos, advogados, comerciantes, operários e empregados, afluíram a ouvir a palavra cristã, vibrante e erudita do distinto orador sagrado.

Apresentou o conferente num expressivo discurso, o Sr. Dr. Alfredo Dias Pinheiro, que presidiu, ladeado por numerosas pessoas de representação desta terra.

O orador, antes de iniciar a sua conferência, recebe uma prolongada e entusiástica ovação.

Após breves palavras de agradecimento, define pelo seu significado lexicológico, o conceito do tema da conferência — Acção Católica.

Em seguida, numa erudita dissertação, historia a acção católica desde remotas eras, as cruzadas da Idade Média, até à actualidade.

Rótulo novo, sintético, de uma actividade religiosa tam antiga como o próprio catolicismo.

Afirma, porém que a acção dos crentes, em face da onda crescente de paganização e ateísmo, que em catadupas de ódio a Deus, Moscovo lança sobre a Europa, exige-se hoje, mais do que nunca, operosidade, dinamia, trabalho eficiente a todos os cristãos, sem distinção de posições sociais.

Urge recristianizar a vida de sociedade.

Aponta a anarquia vizinha, originada talvez pelo trabalho a dormir dos espanhóis.

Em opposição à avalanche «vermelha», usemos a velha estratégia: uma barreira de homens, combativos e operosos.

Com esta expressiva afirmação, concluiu o orador a sua brilhante conferência.

Espectáculo

O grupo cénico «Mocidade Alegre» promove no dia 19 de Abril, no Salão de Festas do Asilo de Santa Estefânia, um espectáculo com um programa interessante e variado, que uma orquestra dirigida pela ex.^{ma} sr.^a D. Margarida Policarpo Teixeira abrilhantarão.

" 9 de Abril "



Na epopeia da raça lusa, a batalha de «La Lys» refulge pelo sacrifício heróico da gente destemida da terra portuguesa.

Em 9-IV-918, os soldados lusíadas escreveram, amassada em lama e ensopada em sangue, uma das páginas mais ressumantes de bravura e abnegação da História pátria.

Apesar das fadigas, da surpresa do ataque, da acção dizimadora da metralha e dos gases, os soldados portugueses reagiram com ardor e frenesi, num esforço impregnado do mais lídimo patriotismo.

Foi d'êste cadinho de sacrifícios e heroicidades, que nasceu a alma do Resgate Nacional, que o Exército corporizou numa arrancada de glória.

Passados que vão 18 anos, curvemo-nos diante da memória dos que nas terras frias e lamacentas de Flandres tombaram em holocausto à Pátria.

Prestemos, nesta hora de saudável evocação, o preito do nosso reconhecimento aos soldados do glorioso regimento de Infantaria 20, que encorporados na heróica Brigada Minhotoa, souberam prestigiar com ousado patriotismo e esforçado ardor combativo, êste recanto abençoado da terra portuguesa.

A' MARGEM

Apesar da «vil e apagada tristeza» em que a Pátria agonizava minada pelas lutas partidárias, o patriotismo português, fremente de entusiasmo e estuante de audácia, conservava-se intacto e robusto no seu exército, guardião das virtudes ancestrais da Raça.



Nove de Abril. Num esforço heróico, a heróica Brigada Minhotoa, — como outrora um jovem rei, síntese da psicologia da Raça Lusitana, com todas as suas grandes virtudes, mas, também, com seus defeitos, D. Sebastião, — sabe «morrer, sim!... mas devagar», heróica e nobremente, sabe morrer, sim, mas no seu posto de honra.

Os portugueses batem-se gloriosamente de tal maneira, que o exército alemão pensara que combatia com portugueses, franceses e ingleses!

E' que o alto comando britânico ordenara a substituição, para descanso, das tropas portuguesas, por tropas inglesas. Mas fôra tam morosa a ordem, que, antes de chegar o reforço já os observadores alemães tinham conhecimento dela e faziam o ataque.



Mas só passando sobre os seus cadáveres, os alemães puderam avançar. Que não se deite a culpa ao exército português — como lamentavelmente Joffre escreve nas suas memórias — culpa que pertence a franceses e ingleses. Os que sabem morrer nunca foram vencidos — não é na vitória que, a mais das vezes, se encontra o herói!



E a guerra continuava, em suas gúelas híbridas e insatisfeitas, a tragar milhares de seres humanos!

E os soldados de Portugal, lançados na fogueira por mãos criminosas e traidoras de alguns traidores portugueses, — a grande escravatura da nossa idade — continuam morrendo na Flandres!



O nove de Abril, página de saúde e dor, é também a mais vibrante manifestação de bravura indómita e patriotismo acendrado, dos soldados lusos.

A gravura desta página é da autoria do editor d'êste semanário.

PEDIBOLA

Vitória — 3

Vila Real — 1

Em retribuição da visita que o Vitória fez a Vila Real, deslocou-se domingo último até nós, o campeão de Trás-os-Montes — Sport Clube de Vila Real.

No primeiro tempo, apesar de o domínio de bola dos locais, o Vitória apenas marcou um «goal» por meio de grande penalidade.

Em frente às rédes, os dianteiros alvi-negros demonstraram acentuada imperícia.

Quási todas as bolas foram apanhadas para fóra das rédes.

Os visitantes enérgicos na defensiva, sôlamente escudados num guarda rédes de classe, infundiam também perigo à defesa local, sempre que o interior esquerdo dos visitantes conduzia a avançada.

Após o intervalo os dianteiros locais mantiveram o assédio, apertado e contínuo.

As tentativas ao «goal» repetiam-se.

Virgílio, com um bom pontapé obteve «goal» de boa marca.

O seu extremo local elevou o marcador a 3.

O interior esquerdo visitante, numa linda fuga, conseguiu o único ponto para o seu grupo.

Arbitrou na primeira parte o sr. José Silva e na segunda, o sr. António Neves. Ambos os árbitros dirigiram o encontro com isenção e acerto.

HORA DA INQUIETAÇÃO INTERNACIONAL

A Europa vive um ciclo de interrogações angustiosas.

Um férmito de incerteza, dúvida e inquietação, agita as almas dos povos, titubeantes no rumo a perfilhar, nesta viragem da história.

A Vitória, porém, está assegurada àqueles que calmos, firmes e resolutos seguirem a sua vocação histórica, realizando o ideal nacional.

As nações que se dividirem em grupos e fragmentarem em tribos, serão vencidas.

Nesta hora de inquietação internacional, Portugal ergue-se soberano e altaneiro, senhor dos seus destinos.

Integrado na lição de oito séculos de História, inabalável a qualquer fantasia eivada de pretensão intelectualismo, Portugal caminha, após um doloroso parêntesis de lutas fratricidas, sob o impulso rático da sua vocação cristã e imperial.

Observador atento do deflagrar de ideologias opostas nesta Europa em convulsão, Portugal, debruçado sobre o Atlântico, sente o despertar da sua vocação oceânica, indicando-lhe o rumo do ultramar — estrada da grandeza do Império Português.

REFORMA INTELECTUAL E MORAL

..... A instrução popular...

Lá porque se sabe ler, escrever e contar, — nem por isso se está habilitado a saber. *Saber é conhecer.* E o conhecimento não se adquire só, ouvindo ou lendo: adquire-se, *meditando e julgando.* E só medita quem tem tempo; e só julga quem tem juízo crítico. Pior do que ignorar é saber mal. Se as camadas populares não podem saber bem — que não saibam nada, porque o que lhes convém é que saibam apenas o que podem saber bem.

E o que as camadas populares podem saber bem, não é a Matemática, nem a Astronomia, nem a Física, nem a Biologia, nem a Sociologia, nem Moral. Logo, que não se preocupem com nenhum desses ramos dos conhecimentos humanos, porque há outros que chamam as suas atenções: as várias profissões que constituem a sua existência activa. Deixem a Matemática aos matemáticos, a Física, aos físicos, a Química, aos químicos, a Biologia, aos biólogos, a Sociologia aos sociólogos, a Moral aos filósofos. As camadas populares não têm que interferir nem na solução das hipóteses não euclidianas, nem na averiguação da legitimidade das leis de Kepler, nem na investigação da verdade das teorias de Fresnel, e na dos ions, nem no desenvolvimento das leis de Wurtz, nem no problema das mutações de De Vries, nem na questão do ritmismo ou do espiralismo do Progresso, nem na discussão de qualquer problema moral. Isto não é para as camadas populares: é para os espíritos competentes que passam a vida no observatório ou no laboratório, na biblioteca ou junto do quadro preto.

Eu não me sinto nem diminuído, nem humilhado por não saber tratar doentes ou talhar fatos, podar vinhas ou aturar imbecis.

Não sou criatura de discussões, primeiro, porque há pouco com quem se possa discutir, em segundo lugar, porque para discutir é preciso saber muito, e eu, à medida que mais vou aprendendo, mais me vou convencendo de que cada vez sei menos.

Mas ainda assim, só discuto aquilo que estudo, e a mais ligeira discussão que tenho, obrigame a um trabalho demorado de revisão posterior — não me tivesse eu enganado, não tivesse eu errado... Isto dá-se comigo, que não vivo pelos cafés nem pelas redacções, pelos centros políticos ou pelos clubs mundanos. Porque se não há-de dar isto mesmo, muito mais agra-

vado, já não digo com os vádios da peaa que trazem gravada na anca a palavra *jornalista* — mas com as classes populares que se levantam de manhã cedo para a oficina ou para o campo, e passam longas horas da noite na atmosfera viciada da taberna, ou as pacíficas horas do domingo na estroinice abominável das hortas?

Eu que nunca fui submeter ao voto popular os problemas literários, filosóficos ou científicos, posso dizer isto, — sem que às classes populares seja lícito ver nestas palavras outro intuito que não seja o de concorrer para limitar a anarquia espiritual em que se debatem. Os conhecimentos humanos tem dois aspectos: o teórico e o técnico. A doutrina e a aplicação. As classes populares podem aplicar mas não podem doutrinar; as classes populares podem efectuar, realizar, mas não podem dirigir, criar. O electricista sabe fazer o que o electrólogo indica, da mesma maneira que o enfermeiro sabe escutar o que o médico manda. O homem que vem arranjar o telefone, concerta-mo bem; mas não é capaz de me expor a teoria do simples telefone de Bell. Quando chegamos à região das ciências sociais, então as camadas populares nem na aplicação podem entrar facilmente, porque compreendê-la é complexo demais para a sua capacidade. Ora o que nós vemos para aí é o detestável sistema de se ensinarem teorias científicas às camadas populares. E os vazios de ideias querem que se ensinem teorias científicas ao povo, ao povo que nem sabe o que é teoria e o que é ciência. Expor filosofia, expor problemas científicos às camadas populares — só lembra ao demónio!

Em que deve consistir então a instrução popular? Na técnica industrial. Na indústria propriamente dita ou na agricultura — as camadas populares aprendam sem pêso nem medida, para que os nossos processos agrícolas se transformem, e a nossa vida industrial se intensifique.

Fundem, espalhem, subsidiem escolas de comércio, escolas de agricultura, escolas industriais.

Fechem os centros políticos populares, e fundem, espalhem, desenvolvam, dotem com riqueza, escolas de comércio, escolas agrícolas, escolas industriais.

Restrinjam os *direitos políticos* das classes populares e alarguem a sua capacidade técnica profissional. Não levem as classes populares para as preocupações constitucionais e para os conflitos eleitorais: levem-nas para o estudo agrícola, para o estudo

A lição de Tardieu

Este prestigioso e aclamado político da Democracia francesa, repudiou a sua cadeira de deputado, por considerar o parlamentarismo nocivo à causa nacional.

Esta atitude, significativa e elevada, merece bem duas linhas de anotação.

Quem, como nós, leu os seus artigos há anos publicados na *Illustration*, denunciadores de uma mentalidade no período de revisão dos seus conceitos políticos, esta atitude de renúncia constitui um desfecho lógico.

E' apenas digna de destaque, a nova actividade política que Tardieu anuncia, integrada nos princípios de autoridade que orientam os Estados Modernos.

O seu último livro causou nos meios políticos franceses grande repercussão.

Sorri dos princípios da Revolução francesa, fundamenta o repúdio do maquinismo parlamentar, depois de intimamente o conhecer, para aceitar uma orientação tendente a revestir o poder executivo de autoridade, prestígio e soberania.

A atitude de Tardieu merece bem dois instantes de atenção.

Em benefício dos combatentes, cujos organismos os gases depauperaram e a metralha mutilou, percorrem hoje as ruas desta cidade grupos de gentis vimaranenses.

Confiar um pequeno óbolo a essas senhoras em trôco do «capacete miniatura», é exemplificar a gratidão da Pátria pelo esforço dos seus irmãos — soldados.

E M F É R I A S

A passar as férias da Páscoa junto de suas famílias, encontram-se nesta cidade os nossos prezados assinantes:

Joaquim Ferreira Pedras, capitão de infantaria, Miguel Tobim de Sequeira Braga (Aldão), aspirante do exército, Fernando Mendes de Oliveira, professor de Jogueiros, José António Sequeira Braga, (Aldão), aluno de Belas Artes, Porfírio Henrique de Almeida Carneiro, quintanista da Faculdade de Medicina, Gaspar Freitas de Amaral, estudante universitário, engenheiro Duarte Amaral.

industrial, para o estudo comercial. Não lhe habituem a mão a exhibir a lista do voto: habituem-lha a manejar bem a charua, a dirigir bem a máquina.

(Continúa)

ALFREDO PIMENTA.

(Dos *Novos Estudos Filosóficos e Críticos*.)

C O R P O R A T I V I S M O

Sindicato N. dos O. Têxteis

Presidida pelo sr. António T. Leiras, reuniu em sessão ordinária, no passado sábado, a direcção deste organismo corporativo.

Em seguida tomou conhecimento de um officio enviado a este Sindicato pelo Delegado em Braga do I. N. T. e O. em que o ex.^{mo} sr. Delegado pede dois exemplares dos estatutos e que o informem se nas imediações de Fafe existem desempregados, especializados em tecelagem de tapeçarias.

Resolveu enviar para o Sub-Secretário do Estado das Corporações para aprovação, os estatutos que hão-de reger as duas secções deste Sindicato recentemente formadas nos concelhos de Fafe e Famalicão.

Verificou-se que a queixa apresentada por alguns sócios, contra a firma da Fábrica de Fiação e Tecidos da Madroa, não tem fundamento, porque, mais do que uma vez, reconhecera-se não ser verdadeiro que esta firma tenha trabalhado com oito mulheres mais horas, como dizem.

Admitiu para sócios mais 35 candidatos, sendo 29 do sexo masculino e 6 do feminino.

Apreciou uma exposição enviada a este Sindicato pelos operários da Têxtil de Azenhas Novas de Vizela, em que explicam a sua situação, em virtude de não haver licença que autorize esta firma a continuar a trabalhar com o seu 2.º turno de tecelagem como desde há muito vinha sucedendo, do que resulta ficarem desempregados.

Soube também que a Fábrica de Tecidos de Varela Pinto de Vizela trabalha afanosamente para conseguir a aquisição de uma nova licença para um 2.º turno de tecelagem, quando afinal trabalha 3 dias por semana.

A direcção resolveu providenciar sobre estes assuntos, assim como também sobre uma queixa apresentada por operários de Regada, concelho de Famalicão, em que o seu patrão suspendeu repentinamente a laboração do 2.º turno de Fiação para que tinha licença, ficando por isso muitos trabalhadores sem emprêgo.

Ficou marcada nova reunião para a próxima terça-feira.

"CORREIO DO MINHO"

Passou o 2.º aniversário da fase nacionalista do nosso colega *Correio do Minho* vigoroso defensor da Ideia Nova no Distrito.

A nossa saudação de camarada.

Alguns apontamentos sobre o Corporativismo em Portugal

V

Vimos já que a obra que o liberalismo havia de consumir em 1834, começou a Pombal mais de meio século antes.

O Estado Novo, dando a Portugal uma constituição corporativa não foi, evidentemente, fazer-nos retroceder aos tempos recuados da Casa dos 24 não resolveu ter como medida de urgente necessidade arruar as profissões.

Simplemente os homens do Governo quiseram olhar as realidades nacionais e abrir a Portugal caminhos de novos triunfos, de novo progresso.

E' que, todos nós os que desde sempre combatemos pela regeneração nacional não fizemos uma revolução apenas para pôrmos termo a uma política de depravação que nos inferiorizava, que nos desprestigiava, embora tivesse já sido glorioso o nosso combate, se para tanto tivéssemos combatido.

Não fizemos uma revolução, apenas para arranjar as estradas, para edificar os portos, para construir as escolas, embora tudo isto tivesse suficientemente, soejamente, explicado a mais demorada das ditaduras.

Não fizemos uma revolução, apenas para equilibrar o orçamento, para pôr em dia as desordenadas contas públicas, ainda que tal *desideratum* bastasse para tornar razoável o alevantamento dum exército em pé de guerra.

Não.

Nós fizemos uma revolução para dignificar a vida social, para dignificar os que trabalham e produzem, sejam eles patrões ou operários, e dar-lhes, emfim, na nossa sociedade aviltada por tanta miséria, batida por tanto êrro, o lugar a que tem direito. É por isso regressamos ao corporativismo, que não copiamos de ninguém, que é para nós lição da história.

Achamos assim, o caminho da restauração.

De resto já Salazar dissera, referindo-se aos trabalhadores:

« Com a mesma solicitude com que temos acudido a outras necessidades e com a mesma tenacidade com que havemos resolvido outros problemas até há pouco considerados insolúveis, nós trataremos do seu emprêgo, da sua habitação, da sua hygiene, da sua saúde, da sua invalidez, do seu salário, da sua educação, da sua organização e defesa, da sua elevação social, da sua dignidade, — nós melhoraremos a sua condição — não digo bem — nós transformaremos a sua posição na vida económica no Estado. Com as restrições apontadas e com esta outra que a bem dêle (do proletariado) não podemos andar demasiado depressa — o nosso espírito está aberto às mais largas reformas no campo económico e social; só fazemos excepção das que desconhecem o princípio da hierarquia dos valores e dos interesses e da mais perfeita conjugação destes dentro da unidade nacional. »

Assim falou Salazar.

E como cumprimento da sua promessa aí temos os sindicatos nacionais substituindo as anárquicas associações de classe, onde não se defendiam interesses das profissões, mas se semeavam ódios, se alimentava essa verdadeira política de guerrilhas a que era quasi sempre alheio o operariado; aí temos as Casas do Povo cuidando dos interesses justos das até há pouco tam abandonadas populações rurais. Aos sindicatos vermelhos, manobrados por agitadores com ligações internacionais, inimigos da paz e do progresso nacionais succedeu a verdadeira organização de classes, construtivas e participantes do bem comum.

São estes os efeitos da restauração do corporativismo, do reatamento do espírito tradicional das nossas leis.

ÓSCAR PAXECO.

A "tradição" na indústria de cortumes

A «tradição» entre os operários surradores e de cortumes, consiste na volta dos couros aos domingos.

Este trabalho, apesar do descanso obrigatório aos domingos, não pode ser extinto nem removido deste dia.

As horas que esta tarefa absorve todas as manhãs, são exigidas pela natureza da indústria.

O que está fora de toda a razão e boa lógica, é a maneira antiquada como este trabalho está regulamentado.

Em primeiro lugar, sendo a volta dos couros feita sem qualquer remuneração, briga francamente com a lei corporativa que determina que todo o trabalho ao domingo é pago pelo dobro das tarefas semanais.

Esta situação de injustiça é flagrante.

Além disso está tradicionalmente postulado que todos os operários que chegarem mais tarde ao trabalho da volta dos couros, paguem uma multa de 2\$50, cobrada pelos próprios colegas, e cujo produto é gasto numa «ceia» no dia de S. Martinho.

Temos de concordar que além da injustiça da cobrança das multas, a sua aplicação não está compatível com a dignidade dos trabalhadores.

Acumular dinheiro durante um ano, para o dispersar numa «frescata», é tradição que não exalta nem dignifica os seus autores.

Nós sabemos que o Sindicato Nacional dos operários da indústria de cortumes não descura a regulamentação da volta dos couros conforme manda a lei.

Urge extinguir de todas as «tradições» a faceta deprimente da dignidade dos trabalhadores e do seu valor moral.

A' SOMBRA DA CRUZ

Há duas semanas, faleceu a sr.^a D. Maria António de Moura Nunes, esposa do nosso amigo sr. José Maria Nunes, empregado da secretaria do Liceu de Martins Sarmento, mãe do sr. Luiz de Moura Nunes e da esposa do sr. Rafael Pereira Lages e cunhada do Director do Internato Municipal.

O funeral teve a assistência de representantes das colectividades vimaranenses e de muitas pessoas das relações da família da extinta, professores do Liceu, directores do Internato, médicos, advogados, comerciantes, etc.

A' família enlutada os nossos sentimentos de pesar.

Patrocinado pela União
Nacional

Conferências pedagógicas

Benéfica e elevada iniciativa da Direcção Geral do Ensino Primário, as conferências pedagógicas têm o condão de agitar oportunos temas educativos, desenvolvidos com proficiência e saber por os valores positivos do magistério primário.

E' justo enaltecer e destacar o carinho e a inteligência com que jovens professores abordam os mais espinhosos temas pedagógicos.

Integrados nesta hora de renascimento nacionalista, é aos novos professores que compete a transformação e preparação da mentalidade portuguesa, em obediência ao Ideal Nacional.

A conferência do nosso conterrâneo e distinto professor de Jogueiros, sr. Fernando Mendes de Oliveira, na sessão pedagógica de Felgueiras, em 14 do mês corrente, constitue a todos os títulos a confirmação das nossas palavras.

Subordinada ao tema «A língua materna na 1.ª classe», a conferência do professor Fernando Mendes de Oliveira mereceu, à inspectora-orientadora, sr.ª D. Aurea Judite Amaral, pelo seu significado nacionalista, estas palavras de elogio: «a entrada verdadeiramente patriótica da sua conferência, mostra que o seu autor é possuidor de um ideal firme, ideal que é capaz de transmitir aos seus alunos».

Do *Jornal de Notícias*, em correspondência de Jogueiros, passamos a transcrever alguns passos da conferência do professor Fernando Mendes de Oliveira:

«Colegas: Incorporemo-nos no cortejo patriótico saído do 28 de Maio, agora superiormente orientado, de forma a fazer-se de Portugal, um Portugal digno do esforço da nossa raça, provando desta maneira que sentimos e compreendemos a grandiosidade deste momento histórico, de resurgimento e engrandecimento nacional».

«Educando todas as crianças de Portugal, mas todas, sem excepção, dentro dos princípios deste movimento de renovação, preparemos o triunfo da sociedade de amanhã.»

Em seguida o conferente solicita do governo o indispensável auxílio para a plena execução deste ideário, colocando escolas em todos os recantos de Portugal, higiénicas e confortáveis, dotadas de bom material didáctico, e garantindo aos professores justos meios de vida que lhes permita viver da Escola e para a Escola.

Entra pròpriamente no tema da sua conferência, afirmando que a primeira classe é a mais delicada, pois sem uma boa primeira não é possível uma boa quarta.

Se dermos às nossas crianças preparação consciente desde ini-

NÃO DIGA ASSIM... DIGA ANTES...

Como os leitores desta secçãozinha têm visto, não temos aqui abordado problemas transcendentales de linguagem, para os quais, aliás, não teríamos fôlgo, se nos arrojassemos a tratá-los. Temo-nos limitado a corrigir alguns dos erros mais vulgares do falar da nossa gente. Há muito que moudar ainda nesta seara e por isso nela trabalharemos por enquanto. Vamos hoje ocupar-nos de dois vícios muito vulgares entre nós, um no falar do nosso meio, outro na secção de pequenas notícias e os jornais.

E' freqüente ouvirem-se entre nós frases como estas: *estive* aqui duas horas os ministros; os homens *fez* o que lhes mandaram; isso não *deve* êles fazer; para êles *estar* sossegados, etc. Como acontece com alguns dos erros anteriormente apontados, é convicção nossa que também êste se comete inconscientemente por estar já enraizado. Toda a gente vê que, estando o sujeito no plural, também o o verbo tem de empregar-se nesse número, como exige a lei da concordância. Deve, por isso, dizer-se: *estiveram* aqui duas horas os ministros; os homens *fizeram* o que lhes mandaram; isso não *devem* êles fazer; para êles *estarem* sossegados.

Como se vê, o erro dá-se apenas na 3.ª pessoa do plural dalguns tempos, a qual é substituída pelo singular.

Nesta época do ano em que várias doenças amarram ao leito os pobres mortais, aparece nos jornais a cada passo a expressão *guardar o leito*. E' francesismo puro e tradução literal de *garder le lit* de além Pirineus. Não tem direito de cidade entre nós. Fora, pois, com o intruso, e dê-se lugar ao portuguesíssimo *estar de cama* ou a qualquer outra expressão equivalente.

Não digam, pois, *êles fez, êles deve, êle guarda o leito*; digam antes: *êles fizeram, êles devem, êle está de cama*.

J. S.

A Lavoura

Só conseguem boas produções e racionais, os que empreguem os adubos da Sociedade de Adubos Norte, Limitada, vendidos no depósito de Guimarães aos melhores preços do mercado.

ADUBOS SIMPLES

Sulfato de amónio
Superfosfato
Fosfato Tomaz
Cal azotada
Nitrato de sódio
Fosfato alegre, etc.

ADUBOS CONCENTRADOS

Niphokalium B para «Batata»
Niphokalium C para «Milho»
Batata de semente
Alegria do Lavrador
Magestic e outras variedades, etc.

Para entrega imediata dirijam-se à

Rua de S. Dâmaso n.ºs 65 a 67

João Freitas Tôrres Brandão
— GUIMARÃIS —

cio, os alunos chegarão à quarta em condições de fazer exame sem o esforço extenuante a que crianças e professores são em regra geral obrigados.

Analisa a técnica pedagógica dos métodos estrangeiros, Decroly e Montessori, e dos métodos portugueses desde João de Barros, séc. XVI a João de Deus, século XIX.

Afirma que o método global de Decroly, pela sua estreita subordinação à psicologia infantil, pode em muitos dos seus aspectos, ser adaptado à Escola Portuguesa.

«Devemos confrontar e fazer eclectismo», declara o conferente.

«Para ensinar as vogais sirvo-

me de palavras que contenham os elementos a ensinar, ou de uma historieta como tema de uma lição de cousas.»

Exemplo sôbre a maneira de ensinar a letra *l*.

Conto uma história sôbre um ratinho que possuía numa gaiola.

«Esse ratinho gostava de festa e, quando lhe faziam, manifestava o seu contentamento chiando com a sua voz aguada: — *l l l...*»

Na parte final da conferência, o professor Fernando Mendes de Oliveira dissertou sôbre os métodos que emprega na regência da sua 1.ª classe.

Após a leitura, o conferente foi muito felicitado.

Secretaria Judicial de Guimarães

ANUNCIO

Arrematação almoeda

(2.ª publicação)

No dia 19 do próximo mês de Abril, pelas 12 horas e à porta do Tribunal Judicial desta comarca, situado à rua do Gravador Molarinho, tem de proceder-se à arrematação em almoeda, por virtude da carta precatória vinda a êste juízo do da 3.ª vara cível da comarca do Pôrto e dimanada da acção executiva por extracto de factura, que o Banco Pinto & Soto Maior, com sede em Lisboa e filial na cidade do Pôrto, move contra Angelo da Silva, casado, comerciante, residente em S. Bento de Donim, Caldas das Taipas, de diversos mobiliários, roupas, louças e géneros de consumo, penhorados ao executado e que serão entregues a quem por êles mais oferecer acima do preço porque foram avaliados.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos do executado.

Guimarães, 26 de Março de 1926.

O chefe interino da 1.ª secção,

Eurípedes Eleazar de Brito.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Artur Valente.

PROCISSÃO DE PASSOS

Realizou-se no passado domingo a imponente e brilhantíssima procissão de Passos, uma das melhores do norte do País.

Neste cortejo religioso tomaram parte dezenas de anjinhos e alegorias, as venerandas e artísticas imagens do Nazareno e de N. S. da Soledade, com as riquíssimas alfaías de ouro e damasco roxo.

Esta côr dava à procissão uma tonalidade de tristeza e imponência.

Foi presenciada por centenas de pessoas tanto da cidade e centros suburbanos, como doutros pontos do País.

Secretaria Judicial de Guimarães

Arrematação

1.ª Publicação

No dia 19 de Abril do corrente ano, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na rua Gravador Molarinho, desta cidade, nos autos de carta precatória vinda da comarca do Pôrto e extraída dos autos de execução hipotecária em que são exequente o Banco Português e Brasileiro, com sede em Lisboa e executados Eduardo de Carvalho Kendal e mulher, da cidade do Pôrto, vão ser postos em praça e entregues a quem maior lance oferecer acima do seu valor, os seguintes prédios:

Uma casa terrea telhada e sobradada, alpendre e lojas e um cerrado pegado, sita no lugar do Souto de Bersas, freguesia de Gémeos, no valor de 4:780\$00.

Campo do Redondos, no mesmo lugar e freguesia, no valor de 3:250\$00.

O prédio denominado Olival, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor de 650\$00.

O campo da Tapada, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor de 7:540\$00.

O campo das Trepadelas ou da Lapinha, situado no mesmo lugar e freguesia; são dois prédios distintos sendo um o campo das Trepadelas que é composto de três leiras, no valor de 3:510\$00.

O Rôço ou campo do Lameiro, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor de 1:170\$00.

Sorte Grande ou Leira comprida e Pôço da Cancela, que se compõe de quatro prédios distintos, sendo duas leiras de terreno lavradio e avidado e outra com mato, no valor de 2:870\$00.

Sorte Pequena ou dos Carvalhos, situada no mesmo lugar e freguesia, no valor de 280\$00.

Prédio denominado o Fontinhal ou do Miranda,

João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus estimados clientes como sempre os seguintes horários:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partidas de Guimarães
8 h., 12,30 e 18,15Partidas do Pôrto
8 h., 10,15 e 17

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães
7,30 h.Partida da Fóvoa
17,30 h.

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partidas de Guimarães
7,35 h., 12 e 19Partidas de Pevidem
8 h., 12,30 e 19,30

situado no mesmo lugar e freguesia, no valor de 108\$00.

O campo ou Rôço do Sanguinhal, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor, de 280\$00.

Tapada ou Rôço de Boucinhas, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor de 60\$00.

Sorte de Cutevales ou Trepadeira, campo do pomar e Rôço do Olival, são três prédios distintos, no valor de 3:420\$00.

Sorte da Ribeirinha ou Leira de Toquim, situada no lugar do mesmo nome, freguesia de São Tomé de Abação no valor de 200\$00.

Sorte do Lameirão ou Horta da Casa ou Campo de Maquita, situado no mesmo lugar e freguesia de Gémeos no valor de 220\$00.

Sorte do Picoto ou campo Sôbre o Monte ou Leira de Fora, situada no mesmo lugar e freguesia, no valor de 300\$00.

Sorte da Chã ou campo da Casa, situado no mesmo lugar e freguesia. São dois prédios distintos, sendo o campo da Casa situado no lugar do Souto de Bersas no valor de 28:980\$00.

Sorte do Cruzeiro ou Sorte do Monte do Vale, situada no mesmo lugar e freguesia, no valor de 300\$00.

Sorte da Deveza das Pipas ou Campo de Trás das Cortes. São dois prédios distintos, no valor de 4:280\$00.

Pedaço de terra o Souto

ou Pôço do Souto, situado no mesmo lugar e freguesia, no valor de 20\$00.

O Prédio rústico situado no mesmo lugar e freguesia de Gémeos, composto das seguintes glebas: Sorte de Sonim, Sorte de Sonim de Fora, estas glebas são também conhecidas por Souto da Cancela da Velha, no valor de 160\$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação.

Guimarães, 16 de Março de 1936.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,
Artur Valente.

O chefe da 4.ª secção,

Domingos Gervásio Lourenço de Moura.

A LAVOURA

Só conseguem produções boas e nacionais, os que empregam os Adubos da Sociedade Adubos Norte, Lim.ª vendidos no depósito em Guimarães, onde se pode encontrar o seguinte:

Adubos simples, e compostos.

Adubos Concentrados Nifohalimo (para batata).

Batatas de semente (alegria do lavrador) e outras variedades.

Para entrega imediata no depositario **João de Freitas Torres Brandão**, Rua de S. Dâmaso 65-67 — Guimarães.

Secretaria Judicial de Guimarães

ANUNCIO

Editos de quarenta dias

1.ª publicação

Por êste juízo e cartório da 1.ª secção, nos autos de reforma de título de crédito mercantil que o Ministério Público nesta comarca intentou contra a Companhia dos Banhos de Vizela e D. Maria Augusta de Sousa Martins, actualmente residente em parte incerta mas com o último domicilio nesta cidade, — correm éditos de quarenta dias, a contar da última publicação dêste anúncio, citando quaisquer pessoas incertas, para com o requerente e mais pessoas que intervêm no processo, comparecerem na sala de audiência do Tribunal desta comarca, pelas 12 horas, no oitavo dia depois de findo o prazo dos éditos e da última publicação dêste, — a fim de se proceder a conferência a que se refere o art. 152.º do Código do Processo Commercial, isto é, tratar-se da reforma da acção da Companhia dos Banhos de Vizela, n.º 679, do valor nominal de 100\$00, hoje pertencente ao Estado, e que se achava averbada em nome daquela D. Maria Augusta de Sousa Martins, visto esta ter perdido a sua propriedade e posse por não ter recebido os respectivos dividendos desde 1896 e por tanto há mais de vinte anos, como determina o Decreto n.º 10.634, de 20 de Março de 1925. Nessa conferência serão apresentados pelos citados e mais pessoas intervinientes nos autos, quaisquer escritos que tenham relativos ao título destruído.

Guimarães, 1 de Abril de 1936.

O chefe interino da 1.ª secção,
Euripedes Eleazar de Brito.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,
Artur Valente.

RESSURREIÇÃO

(Continuação da 1.ª página)

E os corações humanos em ânsia de infinito, do mais alto, clamam: Aleluia! Aleluia!

De novo a sociedade exausta invoca Deus, chama Cristo aos seus lares.

De novo a esperança voltou aos corações, de novo a fé ressuscitou nas almas! Aleluia! Aleluia!

*

* *

Apressemos a aleluia na vida social!

Queremos Cristo presente, pois que o seu verbo divino suavizará todas as crises; só êle tem a força bastante para as resolver, para resolver todas as crises que fundamentalmente se reduzem a uma só:—a crise moral!

Apressemos a aleluia na vida social!

Queremos a lei de Cristo presente, pois que só ela nos dá a harmonia social: direitos e deveres de patrões e operários, de pobres e ricos, de governantes e governados—o corporativismo cristão!

Apressemos a aleluia na vida social!

Que, de novo, renasça Cristo, a única luz do Amor e da Verdade, capaz de dissipar as densas trevas de dores e de incertezas, de miséria e de loucura—frutos dum século estúpido, materialista e ateu.

Perpetuemos o milagre da Ressurreição!

Ressurreição de almas insatisfeitas, que querem uma Pátria bem mais portuguesa—nacionalista e cristã!

Ressurreição da vida, mais nobre e mais humana, onde caibam todos os portugueses de vontade firme e são carácter!

Ressurreição da Pátria, de novo, como outrora, no rumo do Imperio, dilatando a Fé!

Ressurreição! Sim, nós vivemos, nós sentimos, nós assistimos ao milagre da **Ressurreição de Portugal!**

E de novo se ouve o grito: Aleluia! Aleluia!

ANTÓNIO-LINO.

Por mais longe que vá a nossa tolerância perante as divergências doutrinárias que em muitos pontos dividem os homens, nós somos obrigados a dizer que não reconhecemos liberdade contra a Nação, contra o bem comum, contra a família, contra a moral.

SALAZAR.

«Não há povo algum na Europa, sem exceptuar os romanos, cuja história apresente mais feitos heroicos e que mais inflame a imaginação do que a história dos portugueses. Desgraçado do homem que não se sente comovido e cioso ao lêr os historiadores desta nação!

Não é susceptível de nenhuma virtude.»

Dumouriez — Prefácio das «Campanhas do Marechal Schomberg em Portugal.»

Carta aos Conservadores

Ex.^{mos} e Il.^{mos} Senhores,

Não vos admireis que um homem da nova geração, se dirija a vós por intermédio dum jornal nacionalista.

Nada mais natural, tanto mais que a principal razão das minhas palavras é o desejo de protestar contra a campanha de que vós tendes sido alvo; e também o desejo de prestar homenagem à vossa mentalidade.

Ora as homenagens e os protestos, todos o entendem, devem ser públicos.

Protesto contra a forma como vós tendes sido atacados.

Fala-se com frequência no vosso abdómen proeminente. E' uma questão de estética, de falta de ginástica ou de laboriosas digestões e ninguém tem nada com isso.

Sois acoimados de comodistas. Aqui há talvez alguma verdade; mas, então, não tem uma

pessoa o direito de gozar o que é seu?

Não incomoda ninguém, é certo. E não será a comodidade uma das conquistas da civilização!?! E' tudo inveja.

E' claro que seria bom, mesmo melhor, que os meus amigos, se preocupassem um bocadinho com os outros.

Afinal, é uma maneira de ver, isto de pensar no próximo... Em todo o caso útil.

A cada passo há quem se ria do vosso receio das reformas sociais e principalmente do comunismo.

Como não havia de ser assim?

Se não é melhor continuar a ser o «senhor», «o V. Ex.ª», o «viva bem». Uma transformação pode modificar a vossa posição; pode, às vezes, trazer obrigações.

Os que vos atacam nem vêem como sois espertos.

Vai-se conservando isto, hoje

A Rússia ao léu

Situação moral

Continuamos a reproduzir da *Seara Nova* alguns passos do artigo firmado por Raúl Proença, sob a epígrafe «A Rússia ao léu».

Este estudo do ilustre «seareiro» é estribado nas obras de Panait Istrati, *Vers l'autre flamme—La Russie nue*, donde transcreve inúmeros trechos.

Raúl Proença para garantir a probidade da obra afirma que Panait Istrati «além da sua qualidade de comunista possui um perfeito conhecimento da Rússia czarista e bolchevista, onde habitou por vários anos».

Iniciemos a transcrição do capítulo «Situação moral»:

—«E tremenda. A concessão, o suborno, o favoritismo são gerais. O desemprego feminino, a crise de habitação, etc., desenvolvem a prostituição, sobretudo a infantil; as prostitutas de 14 anos multiplicam-se dia a dia.

A embriaguez é outra das pragas da Rússia actual.

Em Leninegrado, no ano de 1927, foram presos na rua, por embriaguez pública, 95.000 indivíduos, enquanto em 1923 esse número só atingira 2.088.

A indústria do alcool é por isso a indústria de consumo mais produtiva na república dos Soviets, o seu «ramo industrial dirigente».

e amanhã e sempre; vai-se oprimindo e dando vivas à liberdade e tudo continua em paz.

E depois os vossos inimigos procuram assustar-vos com o comunismo. Imaginam que sois crianças e falam do «papão».

Teria muito ainda que protestar mas depois faltaria espaço para a homenagem que não quero deixar de render à vossa mentalidade.

Como a admiro! Vejo-vos a defender sempre o que está quando o que está, já não pode ou não deve continuar. E' teimosia? E' virtude? E' tudo e muito mais. E' nem mais do que o seguinte e profundo pensamento: o seguro morreu de velho.

Presto homenagem, pois, à vossa constância, a todas as demais qualidades sobre que falei e aquelas a que me não refiro.

E agora que certamente estamos amigos, permito-me dar um conselho: é preciso reparar um bocadinho melhor na humanidade e na sua evolução.

Muito mais teria a dizer-vos, mas para quê? Certamente os vossos inimigos não querem saber do meu protesto e vós, não ligareis importância à homenagem.

De vós com toda a consideração.

JEPA.